



## Nesta edição:

- A possível saída do Reino Unido da UE
- US\$ 31,7 bi, saldo das exportações do agro
- Em duas décadas, milho brasileiro ganha o mundo
- Argentina se aproxima da Aliança do Pacífico

Edição 25 - Junho de 2016

## Ultrapassagem Chinesa

*A China deixou os Estados Unidos para trás como o mercado mais atrativo para empresas do setor de alimentos e bebida*

Segundo estudo da Universidade de Navarra, na Espanha, em parceria com a consultoria internacional Deloitte, a China tornou-se o mercado mais atrativo para o comércio de alimentos e bebidas. As duas entidades monitoram, anualmente, oportunidades de negócios neste setor em diversos mercados. Essa é a primeira vez que os Estados Unidos deixam a liderança do ranking. A Alemanha manteve a terceira posição.

Os autores do estudo destacaram o aumento da renda das famílias e a rápida urbanização como principais responsáveis por posicionar a China no centro das atenções das empresas de alimentos e bebidas. Com mais dinheiro no bolso, os chineses têm aumentado os gastos nos supermercados e nos restaurantes das grandes cidades. A gradual abertura do país também tem favorecido a expansão de outros produtos, como o café expresso.

O tamanho da população também contribuiu para que a China chegasse ao topo do ranking em 2016. Em entrevista para a

revista eletrônica Food Navigator Asia, especializada no setor de alimentos, os pesquisadores destacaram que os cinco maiores centros urbanos da China têm mais de 10 milhões de habitantes, cada. Somente na região metropolitana de Xangai, esse número chega a 23 milhões de pessoas.

Apesar do apetite chinês, o continente asiático, como um todo, ainda não é o mais atrativo para o setor de alimentos e bebidas, segundo o ranking da Deloitte. O continente europeu ainda continua como o mais atrativo. Os altos gastos dos alemães com alimentos importados ajudam a manter o Velho Continente no topo da lista. Os pesquisadores também destacaram a segurança jurídica e a estabilidade econômica da Alemanha.

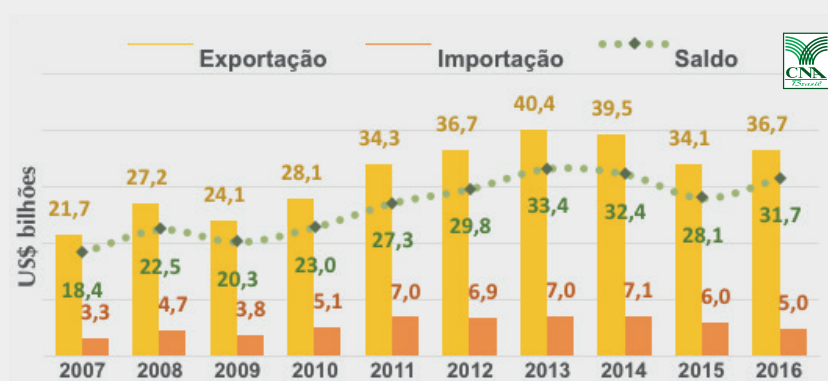
Apesar de ter perdido a primeira colocação em termos de oportunidades de negócios, os Estados Unidos mantiveram a liderança como o país mais fácil para se fazer negócios.

## Comércio exterior do agronegócio gera saldo de US\$ 31,7 bilhões no acumulado de 2016

**1** Em dez anos, exportações e importações do setor cresceram 68,7% e 50,0%, respectivamente

Entre janeiro e maio de 2016, o agronegócio brasileiro contabilizou US\$ 36,7 bilhões em exportações, resultado que supera em 7,4% aquele registrado no mesmo período do ano anterior. Já as importações do setor apresentaram retração de 16,6%, somando US\$ 5,0 bilhões. Este foi o valor mais baixo para as compras externas do setor desde 2009. O resultado garantiu ao país superávit de US\$ 31,7 bilhões, saldo 12,6% superior aos cinco primeiros meses de 2015.

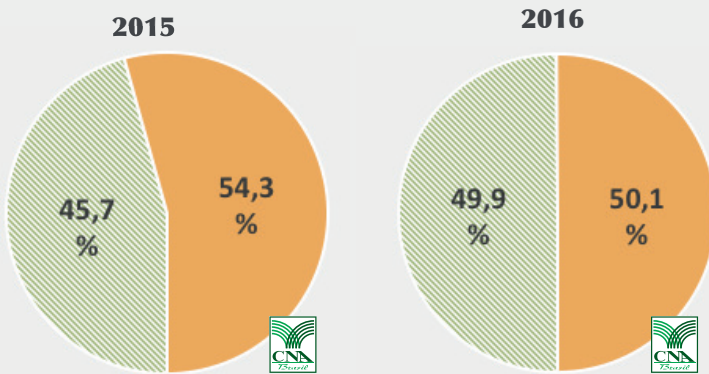
Balança comercial do agronegócio  
Acumulado de janeiro a maio



Fonte: SECEX/MDIC e Agrostat/MAPA. | Elaboração: SRI/CNA

Além do aumento no valor exportado, nota-se que o agronegócio ampliou também a sua participação na pauta de exportação do Brasil, sendo responsável por 49,9% do total enviado ao exterior no acumulado de 2016. No mesmo período de 2015, essa participação era de 45,7%, conforme ilustra o gráfico abaixo.

Participação do agro nas exportações  
Acumulado de janeiro a maio



Fonte: SECEX/MDIC e Agrostat/MAPA. | Elaboração: SRI/CNA

**VOLUME EXPORTADO BATE RECORDE** - Enquanto o valor exportado apresentou aumento de 68,7% em dez anos, o volume exportado do agronegócio brasileiro registrou alta histórica para o período. O setor mais que dobra a quantidade embarcada em dez anos, com embarques de 77,5 milhões de toneladas. Se comparado com o mesmo período de 2015, o aumento foi de 34,2%, quase 20 milhões de toneladas. O aumento da competitividade brasileira no exterior está associado às variações cambiais, à alta qualidade do produto brasileiro e ao aumento da demanda externa por produtos agropecuários.

**IMPORTAÇÕES** - Nos últimos dez anos, o volume das importações brasileiras de produtos agropecuários e agroindustriais pouco se alterou. As compras do setor fecharam os cinco primeiros meses do ano em 6,3 milhões de toneladas, volume quase idêntico àquele de 2007 (6,4 milhões de toneladas). Trigo, papel, produtos têxteis e salmão estão entre as principais compras brasileiras no exterior.

## 2 Composição das exportações do setor

Os dez produtos mais exportados pelo agronegócio brasileiro equivaleram a 75,1% do total, no acumulado do ano. A soja em grãos é o produto mais vendido, não só do agronegócio, mas também do país. Com embarques de US\$ 10,9 bilhões (30,8 milhões de toneladas), a soja superou em quase três vezes o minério de ferro, segundo produto mais embarcado (US\$ 3,76 bilhões). As vendas externas da soja brasileira subiram 24,9% em valor, e 37,3% em volume, na comparação com o mesmo período do ano passado.

Outros produtos que tiveram destaque foram o açúcar em bruto, com US\$ 2,38 bilhões em vendas e aumento de 10% em relação ao acumulado de 2015, carne de frango in natura (US\$ 2,35 bilhões, aumento de 0,8%), celulose (US\$ 2,30 bilhões, alta de 10,1%), farelo de soja (US\$ 2,29 bilhões, queda de 2,9%), milho (US\$ 2,03 bilhões, aumento de 108,5%), e carne bovina in natura (US\$ 1,82 bilhão e crescimento de 7,8%).

## 3 China: o maior mercado e seu potencial para as proteínas animais

Hoje, o comércio mundial de produtos do agronegócio talvez não tivesse a mesma pujança se não fosse a forte demanda chinesa por alimentos. O crescimento econômico vivido na última década fez com que a China aumentasse sua influência no comércio mundial e estreitasse ainda mais seus vínculos com países produtores de produtos agropecuários e agroindustriais.

Foi o que ocorreu com o Brasil, por exemplo. Em 2007, a China superou os Estados Unidos como o então segundo maior importador de produtos do agronegócio brasileiro. Em 2013, foi a vez de os 28 países-membros da União Europeia ficarem para trás. Desde então, a China se mantém como a principal parceira comercial do país. No acumulado de 2016, o país asiático foi responsável por 29,2% dos embarques do agronegócio brasileiro, contabilizando US\$ 10,7 bilhões em compras. Esse valor representa aumento de 27% em relação ao mesmo período do ano passado.

Ainda que um dos principais motores desse aumento no comércio tenha sido a soja em grãos, outros produtos começam a ganhar espaço na pauta de vendas ao país. Esse é o caso das carnes, por exemplo.

- **CARNE BOVINA** - Em maio, o Brasil comemora um ano desde a abertura do mercado chinês para a carne bovina in natura brasileira. Nesses doze meses, as vendas chegam a US\$ 774 milhões, fazendo do país asiático o segundo principal destino para essa carne brasileira, atrás apenas de Hong Kong. Hoje, 16 plantas frigoríficas brasileiras estão aptas a exportar para a China.

- **CARNE DE FRANGO** - A China foi, também, o segundo principal destino para a carne de frango brasileira, com US\$ 346,41 milhões em compras entre janeiro a maio de 2016. Esse valor foi 52% superior ao registrado no mesmo período de 2015. Em volume, o aumento foi ainda mais expressivo: 77%. O câmbio favorável e a habilitação de novas plantas foram fatores decisivos para o resultado. O Brasil possui hoje 39 plantas de carne de frango aptas a exportar para a China.

- **CARNE SUÍNA** - O mercado chinês tem chamado a atenção dos exportadores brasileiros de carne suína. Com embarques de US\$ 57,73 milhões (29 mil toneladas), o mercado chinês foi o terceiro principal destino para esse produto nos cinco primeiros meses de 2016. Esse dado torna-se ainda mais expressivo quando comparado ao ano anterior. Em todo o ano de 2015, as vendas de carne suína para a China não passaram de US\$ 9,8 milhões. O país asiático possui a maior criação de suínos no mundo. No entanto, uma série de medidas internas, como restrições ambientais, tem afetado a competitividade de sua indústria. Os embarques brasileiros foram impulsionados pelo câmbio favorável à exportação brasileira e a habilitação de novas plantas frigoríficas. Hoje, 12 plantas brasileiras estão aptas a exportar carne suína para a China, e a expectativa é de que o volume embarcado continue aumentando no decorrer do ano.

# Brexit - A possível saída do Reino Unido da União Europeia

Quarenta e um anos após o referendo que decidiu pela permanência do Reino Unido na Comunidade Econômica Europeia (atual União Europeia), eleitores de toda a Grã-Bretanha voltarão às urnas para definir, outra vez, o futuro da relação. No próximo dia 23 de junho, ocorrerá o Brexit, referendo que vai definir uma possível saída depois de 43 anos como membro do bloco. Em 1975, mais de 67% dos britânicos votaram a favor. Hoje, no entanto, o resultado nas urnas tem sido difícil de prever.

O debate sobre o Brexit foi uma promessa do primeiro-ministro britânico, David Cameron, que se comprometeu a consultar a população sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia caso ganhasse as eleições. A pressão para que esse movimento se concretizasse foi grande.

A saída do bloco permitiria a retomada do controle das fronteiras, além de decisões próprias em matéria de segurança, política externa e redução de encargos. O Reino Unido está entre os 10 Estados-Membros que mais contribuem para o orçamento da UE. Segundo a "UK Statistic Authority", órgão que monitora e avalia estatísticas oficiais no país, isso representa 0,5% do seu Produto Interno Bruto (PIB), o que soma cerca de £ 10 bilhões ao ano.

Por outro lado, romper com o bloco poderia provocar profunda incerteza para a economia do Reino Unido até que novas relações com Bruxelas e os países não pertencentes à UE fossem readaptadas. Durante esse tempo, a libra poderia ficar mais volátil, os fluxos comerciais poderiam ser desviados ou delongados, e investimentos poderiam ser colocados em espera. O Reino Unido está profundamente ligado pelo comércio com o resto da UE, que representa a maior parcela do total das exportações globais da Grã-Bretanha, e cerca de 30% do PIB.

Neste momento, há dificuldades em se traçar um cenário sobre o futuro das relações comerciais pós-Brexit, pois não existe um

precedente real. Estudiosos afirmam que o Reino Unido terá de restabelecer relações comerciais preferenciais com a União Europeia e os 58 países com os quais a UE tem acordos de livre comércio. O Brexit teria, portanto, consequências significativas para os fluxos de comércio não apenas entre o Reino Unido e a UE, mas também com o resto do mundo, inclusive com o Brasil.

Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, no ano passado, o Reino Unido importou do Brasil US\$ 2,9 bilhões e exportou US\$ 2,8 bilhões, o que gerou superávit de US\$ 106,9 milhões ao Brasil. Ao analisar apenas o comércio de produtos do agronegócio, os números são ainda mais expressivos. Em 2015, o Reino Unido importou US\$ 1,37 bilhão desse setor brasileiro e exportou US\$ apenas US\$ 159,4 milhões. Tais valores garantiram superávit de US\$ 1,2 bilhão ao Brasil. Carne de frango industrializada, café verde, soja em grãos e carne bovina industrializada lideram as exportações brasileiras para o país.

No âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC), o cenário também não é promissor. O diretor-geral da OMC, Roberto Azevedo, declarou que a saída do Reino Unido da União Europeia poderia custar ao país cerca de US\$ 8,4 bilhões ao ano, além de complexas negociações para retornar ao seu atual status. Segundo Azevedo, é impossível prever quanto tempo seria necessário para ajustar termos existentes de negociações que levaram anos para serem concluídas.

Caso seja confirmada a saída na votação do referendo, o Reino Unido iniciará uma negociação com a União Europeia para definir como será sua relação com a União Europeia. Como o Brexit pode criar um precedente para que outros países abandonem a União Europeia, o preço a ser pago pelo Reino Unido, principalmente no que diz respeito à participação do país nas negociações de acordos de livre comércio com o bloco, pode ser alto.

## Curiosidade

O estabelecimento das primeiras instituições que deram origem à atual União Europeia ocorreu em 1951, com a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço. Foi um esforço de seis nações (Alemanha Ocidental, Bélgica, França, Holanda, Itália e Luxemburgo) para curar as fissuras da Segunda Guerra Mundial por meio do comércio livre de impostos. Em 1957, o Tratado de Roma criou a Comunidade Econômica Europeia, dando mais um passo no sentido da integração econômica no continente. A União Europeia, como é conhecida hoje, é formada por 28 Estados-Membros e permite a livre circulação de bens, serviços, dinheiro e pessoas, entre fronteiras.

## Em duas décadas, milho brasileiro ganha o mundo

Todos os anos, os brasileiros aguardam a chegada do mês de junho para comer doces, como pamonha, canjica, curau, bolo de milho e outros. Nas festas juninas, eles consomem grandes quantidades de derivados de milho, o que amplia o consumo do cereal e movimentam a economia brasileira.

O cereal não é, todavia, amplamente consumido apenas em países que comemoram o São João. Segundo o Departamento

de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) o mundo consumiu nos últimos cinco anos cerca de 900 milhões de toneladas de milho ao ano, em diversos países, muito diferentes entre si, desde a vizinha Argentina até o arquipélago de Kiribati, no Oceano Pacífico.

Grande parte do milho consumido no mundo é utilizado por países produtores do cereal. Na safra 2014/2015, os maiores

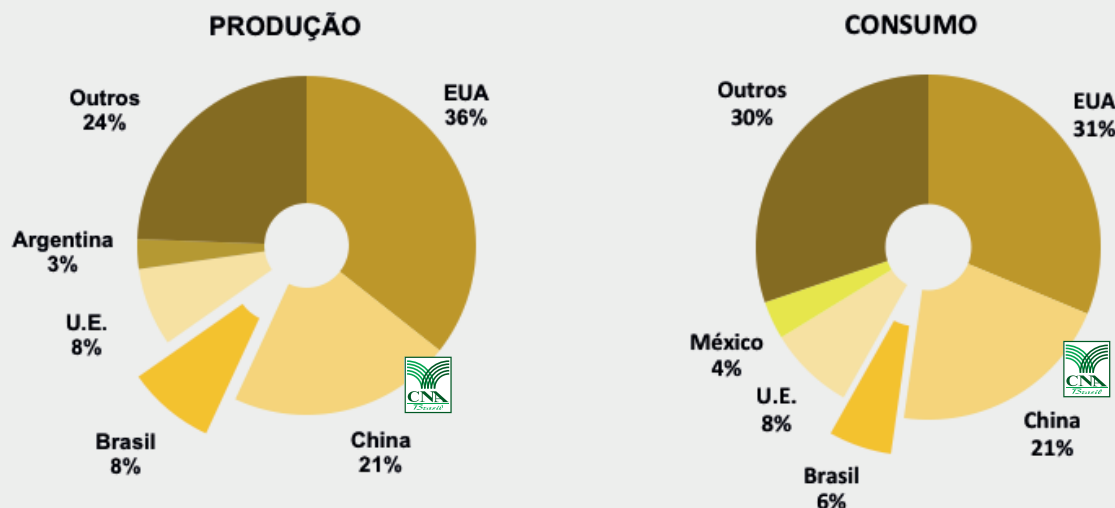
consumidores foram Estados Unidos (31% do consumo mundial), China (21%), União Europeia (8%), Brasil (6%) e México (4%).

Os Estados Unidos, por exemplo, são os maiores produtores mundiais, cultivando 36% de todo o milho produzido no mundo, seguidos por China (21%), Brasil (8%) e União Europeia (8%), além da Argentina (3%).

Japão, Coreia do Sul, Egito e Irã também têm consumo expressivo. No entanto, como produzem pouco, são grandes importadores do cereal.

O Brasil é um grande produtor e exportador do cereal. O setor passa por um processo de crescimento em suas exportações, e serve como exemplo para vários outros setores da economia nacional.

### Maiores consumidores e produtores de milho (safra 2014/2015)

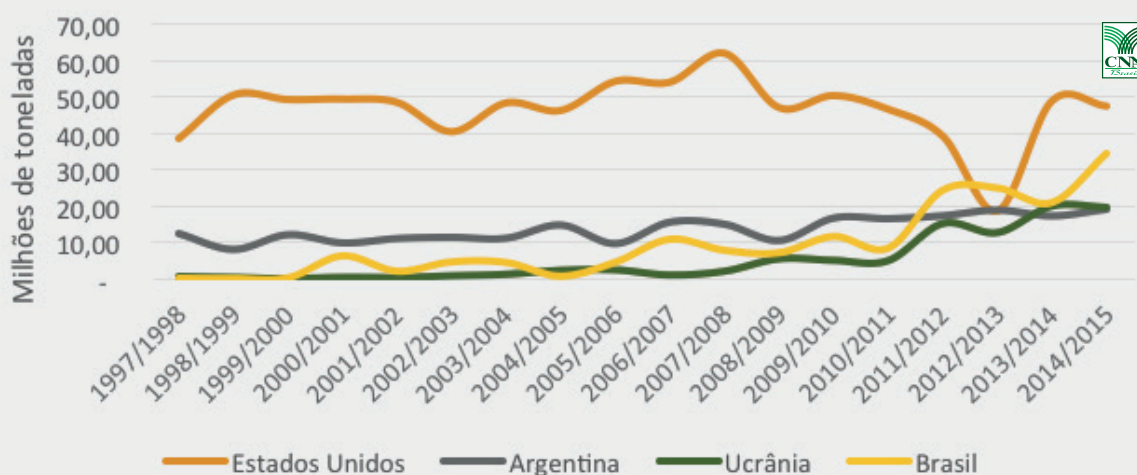


Fonte: PSD/USDA | Elaboração: SRI/CNA

O comércio internacional do milho é bastante volumoso. Na média entre as safras 2010/2011 e 2014/2015, foram comercializadas internacionalmente cerca de 115 milhões de toneladas do produto por ano, sendo que 34,8% desse total foram exportados por produtores dos Estados Unidos, enquanto

a Argentina (3%) manteve 15,3% e a Ucrânia (4%), 12,6%. O Brasil, que até 2001 mantinha quase toda sua produção no país, tornou-se o segundo maior exportador desse cereal na safra 2014/2015, com 19,6% de participação nas exportações mundiais de milho.

### Maiores exportadores de milho



Fonte: PSD/USDA | Elaboração: SRI/CNA

A ascensão brasileira ocorreu devido a transformações ocorridas no mercado nacional no início dos anos 2000. Desde os anos 80, a produtividade do milho nacional vinha crescendo constantemente. Entretanto, a participação brasileira no comércio internacional era pequena, ligada ao escoamento de excedentes de produção. A chegada do novo milênio coincidiu, todavia, com o crescimento da produção do milho safrinha e, ainda, com uma redução nos preços internos do produto.

Internacionalmente, o crescimento na demanda por biocombustíveis de milho manteve os preços em níveis elevados. No início da década de 2010, quebras de safras estrangeiras e baixos estoques internacionais permitiram uma participação brasileira ainda maior no comércio global do milho.

Até 2007, a União Europeia era o principal destino do cereal brasileiro, chegando a importar 65,8% de todo o milho

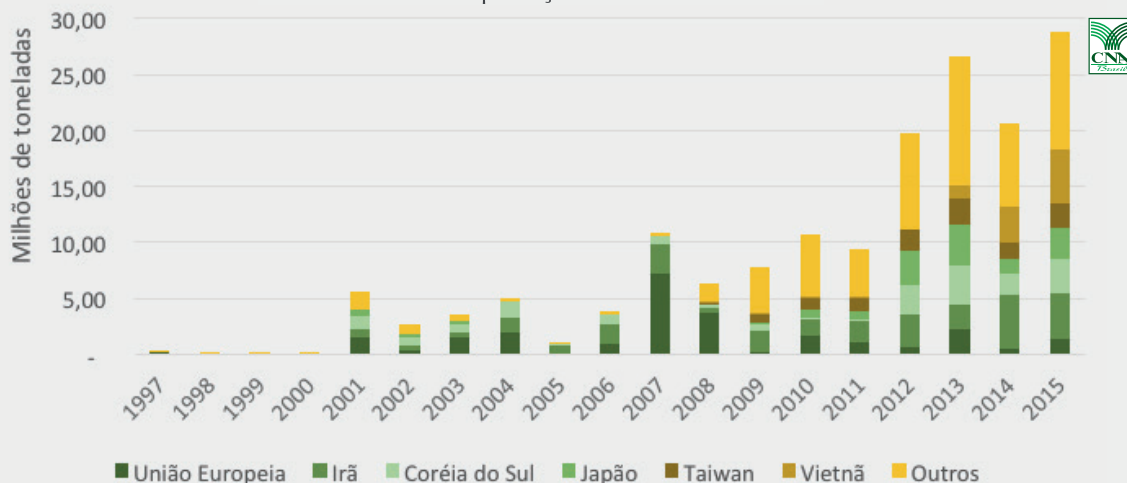


exportado pelo Brasil naquele ano. Entretanto, desde 2008, o país começou a atrair novos mercados consumidores, como os do Leste Asiático, do Oriente Médio e da América Latina.

Um exemplo desses países é o Vietnã, que até 2008 não comprava qualquer quantidade de milho brasileiro, mas que

desde 2013 compra mais de 1 milhão de toneladas do cereal e chegou, no ano passado, à 1ª colocação entre os clientes brasileiros. Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), esse crescimento ocorreu graças a uma combinação entre menores preços e maior qualidade do milho brasileiro frente ao vietnamita e ao de outras nações.

Crescimento das exportações brasileiras de milho



Fonte: Agrostat/MAPA | Elaboração: SRI/CNA

Devido à quebra na primeira safra de 2016 em algumas regiões produtoras do cereal, as exportações brasileiras podem reduzir em até 25,6% no período 2015/2016 em relação a 2014/2015, segundo estimativa do USDA. Mesmo com essa redução, o Brasil deve seguir como o 2º maior exportador mundial do cereal, segundo o órgão norte-americano.

Se há 16 anos o Brasil conseguia apenas sustentar a sua demanda interna, gerando pequenos excedentes, na última década o produtor conseguiu ampliar sua produção e, assim, consolidar o país como grande fornecedor internacional do cereal.

## Agro em foco

### Blairo Maggi negociará ampliação de comércio

Paralelamente a uma reunião do G20 na China, o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, reuniu-se com ministros de Agricultura da Argentina, China, Coreia do Sul, México, Rússia e União Europeia, onde discutiu a ampliação do acesso de produtos brasileiros a esses países. O ministro afirmou que buscará ampliar o comércio de produtos como carnes e lácteos.

### OIE reconhece 15 unidades da Federação como livres de peste suína clássica

No último dia 27, a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) reconheceu como áreas livres de peste suína clássica o Distrito Federal e mais 14 estados brasileiros: Acre, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia, São Paulo, Sergipe, Tocantins e alguns municípios do Amazonas.

Anteriormente, apenas Rio Grande do Sul e Santa Catarina tinham esse status.

Segundo o MAPA, agora, 99% das indústrias brasileiras processadoras de carne suína se encontra em área com esse reconhecimento de sanidade internacional. Tal situação possibilita que o país evite sanções sanitárias.

## Argentina se aproxima da Aliança do Pacífico

A Argentina demonstrou interesse em se aproximar da Aliança do Pacífico. É o que solicitou a chancelaria do país no dia 27 de abril, quando apresentou ao bloco o pedido de se tornar um "membro observador" da Aliança.

Segundo informações do jornal La Nación, o presidente argentino Mauricio Macri foi convidado à cúpula de presidentes daquela associação que ocorrerá no dia 30 de junho, quando os quatro países do bloco (Chile, Colômbia, México e Peru) devem votar a adesão Argentina. Atualmente, países como China, Estados Unidos, Canadá, Japão, Alemanha e França, além de Uruguai e Paraguai, têm status de observadores no bloco. Dessa forma, dos países-membros do Mercosul, apenas Brasil e Venezuela ficariam fora do bloco. 🌿



UMA PUBLICAÇÃO



**Confederação da Agricultura  
e Pecuária do Brasil**

*Superintendência de Relações Internacionais*

***Alinne Oliveira***

***Camila Nogueira Sande***

***Elizabete Serpa***

***Gabriela Coser Rivaldo***

***Lara Vicente Teixeira***

***Layanne Alves Vasconcellos***

***Pedro Henrique de Souza Netto***

***Pedro Henriques Pereira***

***Thiago Masson***

***www.canaldoprodutor.com.br***